




Dos colégios de Higienópolis para o protagonismo no Brasil e no mundo

A person is seen from the side, sitting in a library and reading a book. The background is filled with bookshelves packed with books. The person is wearing a dark blue shirt. The text is overlaid on a white, dotted rectangular box.

Alunos notáveis saíram das cadeiras escolares dos colégios de Higienópolis, personalidades que fazem parte da história recente do Brasil, influenciando os mais diversos ramos e atividades. Seja na política, nos esportes, nas artes e espetáculos, acabaram vivendo um protagonismo em seus objetivos e suas carreiras. Todos têm em comum a capacidade de terem tomado as rédeas de suas escolhas profissionais e de projetos para desenvolver suas habilidades.

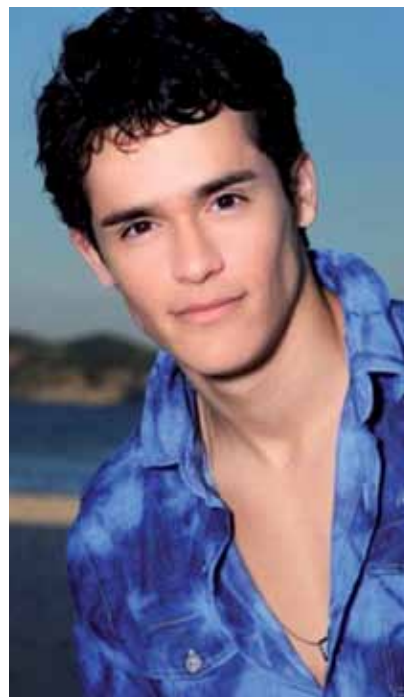
A escritora Ruth Rocha, com mais de 50 anos de carreira e mais de 150 obras publicadas, estudou no Colégio Rio Branco



Gianfranco Casanova/Divulgação

O jovem prodígio José Vinícius Toro, de apenas 21 anos, produtor de Teatro Musical na Time For Fun (T4F) e diretor de produção do Prêmio Bibi Ferreira, ex-aluno do Colégio Rio Branco, envolvido na produção do musical *Les Misérables*, explica a importância destes estímulos: “Para a minha área não existe um curso, nenhuma fórmula do que está certo ou errado. É uma área em que você precisa dominar diversos assuntos e só domina experimentando. Dentro do Rio Branco eu fiz diversas montagens e sempre me deram muita abertura para experimentar. Mesmo quando não era mais aluno, eu voltava para produzir alguns espetáculos”.

“Acho que o colégio é importante no quesito orientação. Mas se você não possuir algo único, feroz, pra guerra que a vida é, você não vive, apenas sobrevive nessa selva. A oportunidade, você nunca sabe quando vem. Então, no mínimo, esteja preparado sempre. Acredito que não somente a escola em si, mas o conhecimento te dá condições de se tornar um ser humano pensante, contestador. Ninguém consegue lutar por qualquer coisa sem parâmetros.”, diz o ator Júlio Oliveira, de 27 anos, com passagens em novelas da TV Globo e da Record, que era bolsista do Colégio Sion e formou-se em 2007.



Divulgação

capa

Cada estudante possui características únicas, com um potencial gigantesco a ser explorado. É neste contexto que as escolas desempenham um papel fundamental para a formação de futuros indivíduos autônomos, autoconfiantes e que conheçam suas habilidades. É importante que este aluno foque em seus objetivos e desenvolva seus conhecimentos em um ambiente que lhe passe segurança e proteção.



Patricia Lino/Divulgação

A senadora Marta Suplicy (PMDB-SP), em sua época de estudante participou da fundação do Centro Acadêmico do Colégio Nossa Senhora de Sion, na década de 1960, em plena ditadura militar. “Tinha curiosidade e vontade de participação e ampliação de horizontes e essas características não foram cerceadas no colégio. Fundei o Grêmio Estudantil e participamos de muitas atividades.” Referindo-se a como a escola pode influenciar o futuro dos alunos, ela diz: “Escola tem que dar liberdade para o aluno perseguir seus interesses, estimular iniciativas e ao mesmo tempo impor limites com regras claras. Deve transmitir valores de respeito ao outro, de tolerância à diversidade e de companheirismo.”



A jornalista e colunista social Joyce Pascowitch, proprietária do Grupo Glamurama, explica esta tão importante relação: “Coube ao colégio (Rio Branco) o fato de ter conseguido chegar onde eu queria, onde mais seria minha cara, mesmo eu tendo me atrapalhado na hora de escolher a primeira faculdade (Desenho Industrial). Ele pode te dar segurança, confiança, estrutura. Eu acredito que o colégio tenha me dado a confiança para ir escolhendo no decorrer da vida as oportunidades corretas, que me desafiavam e que me daria prazer.”



João Lara Mesquita, ex-diretor da Rádio e Estúdio Eldorado, que atualmente se dedica ao jornalismo ambiental mantendo o site Mar Sem Fim, explica os estímulos que recebeu no Colégio Ofélia Fonseca, onde estudou nos anos 60: “Havia uma aproximação grande com os professores, um convívio familiar, eles sabiam quem a gente era. Eles conheciam quais eram os problemas de cada criança, como elas se relacionavam com as outras. Estavam sempre atuando de forma muito presente, como uma família. Era uma coisa que eu não sei se as escolas hoje, que são enormes, e muito impessoais, conseguiram manter.” Ele explica que o ambiente competitivo de muitas escolas é prejudicial aos estudantes: “De repente você sai deste ambiente familiar, carinhoso, próximo de você e chega num mundo mais agressivo. Eu senti muito, uma diferença muito grande, por isso digo que a única lembrança boa do meu tempo de infância foi no Ofélia Fonseca. Dali pra frente a lembrança que me vem à cabeça das escolas que passei, todas são ruins.”



Os pais e sua relação com a escola têm um papel crucial neste processo, onde as crianças e jovens recebem os primeiros estímulos sociais. É fundamental preparar as crianças para suas escolhas e identificar seus pontos fortes, transformando-os em habilidades.

A escritora Ruth Rocha, com mais de 50 anos de carreira e mais de 150 obras publicadas, estudou no Rio Branco de 1947 a 1949. Ela explica sobre como deve ser a relação entre família e escola: “Eu tinha uma família muito boa, tive pais muito bons. Acho que aprendi muito com ela. A escola tem que ter a mesma linha da família. A mesma linha moral, a mesma linha comportamental, a mesma linha da cadeia disciplinar. Acho que a família é im-

portantíssima, inclusive porque vem primeiro. Ela é muito importante para a formação, mas a escola também. Tanto a família, quanto a escola, têm que reforçar a autoestima (dos estudantes). Não pode diminuir as pessoas, tem que reforçar a confiança.”

A autora de um dos clássicos da literatura infantil “Marcelo, Marmelo, Martelo” (1976), ainda acrescenta que um bom professor pode inspirar os alunos por toda uma vida: “Eu tive um professor de Português, Sales Campos. Estudei dois anos com ele. Ele recitava, cantava pra gente, estimulava muito os alunos, acho que isso foi importante na minha vida. Tinha um jeito dele, era uma pessoa expansiva, extrovertida, interessante. Gostava muito dele.”

A cantora e compositora Luiza Possi, ex-aluna do Colégio Sion, compartilha de uma opinião muito parecida: “Eu segui os passos da minha mãe (na profissão), recebi da escola estímulos de determinação e de disciplina que me ajudaram muito. Realmente o colégio ajuda muito a criar a gente, porque é onde passamos uma grande parte do tempo. As amizades que você cria, seu comprometimento com cada matéria estudada, isso é o que fica.”





Superação das adversidades é um quesito que também pode ser aprendido na escola, como lembra Oscar Schmidt, maior ídolo do basquete brasileiro: “Quando eu fui para o Mackenzie, eu já jogava basquete e eu não lembro de ter perdido nenhum jogo. Inclusive tivemos uma vitória excepcional. Praticamente, só eu e o Pelezinho contra o outro time. Nós íamos perder por W.O. uma semifinal do torneio da FUPE, que era o torneio mais importante daquela época. E fomos na arquibancada, onde tinha um grupinho de alunos. Eu perguntei quem tinha carteirinha do Mackenzie. Três caras mostraram a carteirinha. Falei: Vocês querem jogar? Ganhamos esse jogo. Eu e o Pelezinho fazendo todos os pontos do jogo. Teve um menino que jogou de sapato de camurça! E essa foi uma das maiores vitórias da minha vida esportiva. Ganhamos o jogo por quatro pontos. “Ele ainda conta que na final do torneio todo mundo apareceu, mas que os três meninos que ajudaram o time a chegar na final é que começaram jogando. Ele reitera: “A lealdade é algo incrível na vida das pessoas. Antes de tudo, você precisa ser leal a tudo. Tudo aquilo de bom que você tem, você precisa ser leal a ela. Eu sempre fui leal aos meus companheiros de time, aos meus professores, aos meus companheiros de estudo e a minha família.”



Outros estudantes célebres de Higienópolis:

Todos estes profissionais são respeitados pelos papéis que desempenham ou desempenharam em suas carreiras, mas é inegável que os estímulos recebidos no período estudantil também foram fatores decisivos para fundamentar suas escolhas e desenvolvimento.

Rio Branco:

Benjamin Steinbruch - Empresário
Antonio Fagundes - ator
Odilon Wagner - ator
Dan Stulbach - ator
Carlos Alberto de Nóbrega - humorista e apresentador
Paulo Vanzolini - zoólogo e compositor
Ayrton Senna - piloto de Fórmula 1
Galvão Bueno - locutor e narrador esportivo

Sion:

Eloá Quadros - ex-primeira-dama do Brasil
Tarsila do Amaral - pintora, desenhista e tradutora
Guimar Novaes - pianista
Magda Tagliaferro - pianista
Claudia Costin - professora universitária e ex-ministra do governo FHC
Renata Braune - chef de cozinha
Dinah Borges de Almeida - médica pioneira na Nefrologia no Brasil

Mackenzie:

Abilio Diniz - empresário
Anita Malfatti - pintora
Antonio Calloni - ator, poeta, cantor, escritor, produtor e dublador
Emerson Fittipaldi - ex-automobilista e empresário
Tatiana Belinky - escritora
William Bonner - jornalista, publicitário, apresentador e escritor

Ofélia Fonseca:

Miguel Reale Junior- jurista, advogado e professor
Maysa Figueiras Monjardim – cantora
Leo Wallace Cochrane – ex-presidente da Febraban
Luiz Lara – publicitário, fundador da agência Lew Lara
Rodrigo Mesquita – jornalista
Fernão Mesquita – jornalista
Celita Procópio de Carvalho – presidente do Conselho de Curadores da FAAP